

JAMES PATTERSON

**FELIZ NATAL,
ALEX CROSS**



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para Bob e Mary Simses.

PRÓLOGO

**O DIABO NA VÉSPERA
DE NATAL**

Um

EXATAMENTE COMO TINHAM ME PROMETIDO, a porta dos fundos da igreja de Saint Anthony estava aberta. John Sampson e eu passamos pela sacristia mal iluminada – a sala onde os padres se vestiam para a missa e onde guardavam o vinho do altar, os hinários e os paramentos.

– Espero que a gente não tenha que atirar em ninguém na igreja – disse Sampson, num sussurro. – A sua Nana me garantiria uma vaguinha no inferno.

– Então é melhor não puxar o gatilho aqui hoje.

– Não tem graça, Alex.

– E eu estou rindo? Estamos na véspera de Natal. Se alguém morrer por sua causa e eu não impedir, Nana Mama vai me providenciar uma vaguinha bem ao seu lado nas chamas eternas.

Seguimos por um corredor curto, escuro e estreito que levava à capela-mor e ao altar. Ficamos ali, olhando para fora. A não ser por algumas velas votivas tremeluzentes, lâmpadas fracas no alto e uma vela pendurada perto do altar, não havia luz na igreja.

Três ou quatro pessoas no máximo estavam no lugar. Uma velha segurava as contas do rosário, um sem-teto cochilava no banco da frente, um velho lia um missal e murmurava imprecações. Analisei cada um deles com atenção.

Então uma mocinha de casaco de pele, elegante demais para a Saint Anthony, saiu impetuosamente do confessionário no lado mais próximo da igreja. Soluçava com o rosto escondido numa echarpe listrada e comprida. O padre Harris saiu atrás dela. Pôs a mão em seu ombro, levou-a até um banco e ajoelhou-se ao seu lado.

Harris era um excelente sujeito, além de ótimo padre. O tipo de homem a quem a gente faria favores se pudesse.

Olhei para as guirlandas esparsas que decoravam a igreja. Eu frequentava a Saint Anthony desde os 10 anos e não conseguia me lembrar de vê-la tão vazia no Natal. Na verdade, a igreja estava deprimente.

Esperiei até ter certeza de que todos os fiéis estavam de cabeça baixa, andei rapidamente para a frente do altar e me ajoelhei ao pé da escada que levava ao púlpito de carvalho esculpido. O Homem Montanha ficou ao lado

da sacristia e se ajoelhou entre as flores, bicos-de-papagaio vermelho-vivo, o atril e as cadeiras usadas pelo padre e pelos coroinhas.

Um pouco depois, a moça fez que sim com a cabeça e foi embora. O padre Harris fez uma pausa, deu uma olhada em nossa direção e saiu por uma porta lateral.

A não ser pelo som do aquecedor, a igreja estava em silêncio. Ficar lá ajoelhado de costas para o crucifixo no alto da parede dos fundos parecia esquisito e meio errado. Mas, na verdade, toda aquela situação parecia estranha. Acho que eu não me aproximava de um altar havia mais de 35 anos, desde que estive naquele mesmo lugar na minha crisma, aos 12 anos.

Naquele dia, o bispo rezou por nós enquanto éramos crismados e disse: “Enchei-os do Vosso espírito temente, por Cristo Nosso Senhor.” É uma oração que sempre achei esquisita porque vejo Deus como fonte de coragem e direção, não de medo. Mas não sou padre e, como Sampson gosta de repetir, não sei de nada.

De qualquer forma, mantivemos a nossa posição, sabendo que só tínhamos uma hora para resolver aquilo. Às seis, os padres e frades do priorado vizinho viriam preparar a igreja para a Missa do Galo. Essa pequena vigília terminaria e eu voltaria para casa a fim de passar um merecido feriado com a minha família.

Já me chamaram de cínico algumas vezes nesta vida. Mas é difícil ser positivo ou idealista no meu ramo. Os minutos se passaram dentro da igreja e comecei a sentir cheiro de incenso e de ramos de abeto. Ao observar as velas tremeluzindo perto do presépio, lembrei-me de ter estado ali em Natais passados. Havia uma mesmice no lugar, uma sensação calma de imutabilidade que me dominou.

Senti os músculos relaxarem e a minha mente se perdeu pensando em coisas importantes, como humildade e gratidão. “O segredo de uma vida longa e satisfatória”, segundo Nana Mama. Sempre tentei ouvi-la quando dizia coisas desse tipo. Afinal, minha avó tinha mais de 90 anos e continuava forte.

Ajoelhado atrás do púlpito, ignorei as coisas terríveis que tinha visto no ano que estava acabando e agradei ao meu Senhor e Salvador por todas as bênçãos que recebera. Minha mulher. Minha avó. Meus filhos. Meus amigos. Meu emprego. Minha vida.

Ao fazer isso, me senti menos cínico, humilhado pela minha sorte. A minha vida era muito boa. Talvez não perfeita, mas muito boa. E não são muitos os que conseguem dizer isso hoje em dia, ainda mais nessa época do ano.

Talvez Nana Mama tivesse razão. Eu precisava vir mais à igreja...

Um cochicho rompeu a escuridão. Sampson entre as flores.

– É isso que fazem quando dizem que estão “plantando” um policial?

Apenas neguei com a cabeça. Nada como uma piada sem graça para ajudar a passar o tempo de tocaia na igreja. Ouvi um estrondo e olhei para o outro lado do púlpito. O rosário da senhora idosa tinha caído. Ela estendeu a mão e o recuperou no banco à sua frente. Alguém saiu do confessionário ao lado daquele em que estivera a mulher de casaco de pele.

Era jovem e grande. Arrastou-se devagar pelo corredor central como se estivesse profundamente mergulhado em oração, rumo à porta principal.

Só podia ser o nosso homem.

Fiz um sinal para Sampson e nós dois avançamos depressa. Passamos por cima da balaustrada, entramos na nave e começamos a descer os corredores laterais, um de cada lado. Estávamos com a mão direita dentro do casaco, os dedos descansando na arma.

O sujeito saiu da igreja para o átrio e parou junto à pia de água benta. Mergulhou a mão esquerda e a deixou lá. Mão esquerda na água benta é coisa muito feia. *Só a mão direita*. E a pia não é lugar para manter os dedos mais do que um segundo.

Então vi o que quase esperava ver: com a mão esquerda ainda na pia de água benta, ele sacudiu o braço direito e um pé de cabra escorregou da manga do casaco.

Previendo que ele olharia em volta antes de atacar as caixas de doações da Paróquia e Caridade Franciscana, parei com uma coluna entre nós.

No segundo em que ouvi o contato de metal com metal, fechei os dedos, puxei a arma e avancei para encontrar e cumprimentar o homem do ano, que voltara para roubar os pobres. Na igreja. Na véspera de Natal.

Dois

O PADRE HARRIS ACIONOU UM INTERRUPTOR NA SACRISTIA e todas as luzes da igreja se acenderam. O homem do ano tentou fugir, levando o pé de cabra como se fosse o bastão de uma corrida de revezamento. Abriu caminho pela porta da frente e pulou pelos degraus enquanto os primeiros flocos de neve daquele inverno começavam a cair.

Sampson e eu estávamos logo atrás dele e o alcançamos antes que chegasse à esquina. Eu o golpreei com o punho fechado entre as omoplatas e ele caiu com força na calçada. Sampson chegou logo depois, pôs o joelho nas costas dele e o algemou. Isso tudo levou menos de um minuto.

Rolei-o, olhei para o meu parceiro e disse:

– John, deseje Feliz Natal ao nosso velho amigo Latrell Lewis.

– Porra, Lewis! – berrou Sampson, até lembrar que ainda estava muito perto da igreja. – Desculpe.

Latrell Lewis e eu temos uma história desagradável. Começou meia década antes, quando ele, aos 15 anos, era menino de recados de uma das quadrilhas de segunda linha de Columbia Heights. Com a alcunha “Lit-Lat”, o moleque foi arrogante a ponto de tentar se virar por conta própria e estúpido o suficiente para ser capturado por mim e Sampson em sua primeira semana de carreira. Na última vez que o prendemos, Latrell acabou num lugarzinho lindo no interior do estado de Maryland, a Instituição Correccional Jessup, durante uma temporada de dezoito meses.

– Pensei que você estivesse engaiolado, Lit-Lat – falei.

– Talvez seja melhor aprender a contar... ou comprar um calendário, Cross.

Puxamos Lewis da calçada. Ele estava trêmulo, não só de nervoso como também por efeito da cocaína, heroína ou sei lá que droga andava comprando com o dinheiro da igreja. Não me importava. Sou psicólogo, mas não estava a fim de fazer diagnóstico e lhe dar alguma orientação de graça.

– Vamos lá. É véspera de Natal. Mostre um pouco de caridade – pediu Lewis.

– Ah, mostraremos, sim – disse. – Vamos lhe mostrar a mesma caridade que você demonstrou ter pela igreja e pelo pessoal que precisa daquele dinheiro para comer e se abrigar.

Nós o arrastamos pela calçada até uma viatura sem identificação. O vento ficou mais forte. A temperatura estava caindo. Dava para saber que uma verdadeira tempestade de inverno cairia na véspera de Natal.

– Vamos lá, cara. Não me ponha no carro da polícia – Latrell gemeu. – Isso seria triste demais para o Natal, cara. Eu precisava do dinheiro para comprar presente para o meu garoto. Sou pobre, cara.

Ergui os olhos para o céu branco. Depois os baixei para aquele pobre viciado.

– Você não tem filhos. E não seria pobre se largasse esse vício. Mas é Natal e não quero que fique triste, Latrell.

Ele me olhou, parecendo cheio de esperança.

– Sério?

– Sério. Vou lhe contar uma coisa. No caminho da delegacia, vamos cantar músicas de Natal e você pode escolher a primeira.

– E, para o seu bem, é bom que seja “Noite Feliz” – disse Sampson, enfiando-o no banco de trás e batendo a porta.

PARTE UM

FELIZ NATAL, ALEX

capítulo 1

DIZEM QUE DÁ SORTE QUANDO NEVA NA VÉSPERA DE NATAL. Não costumo acreditar nesse tipo de superstição, mas, se fosse verdade, este seria um dos melhores Natais da minha vida. O vento nordeste soprava forte na direção das Carolinas do Norte e do Sul, ao mesmo tempo que uma frente fria vinda de Ontário avançava para o sul do país.

Sampson e eu levamos Lewis para sua cela e o trancamos. Como só dali a dois dias haveria sessão no tribunal, parecia que, nessa temporada natalina, o homem do ano esperaria Papai Noel trancafiado.

Eram quase oito horas quando terminamos a papelada e fomos embora.

– Feliz Natal, Alex – disse Sampson do lado de fora.

– Para você também, John. Que tal dar uma passadinha para um drinque de Natal amanhã?

– Vou consultar minha agenda.

Peguei um táxi de volta para casa. Enquanto passava por Washington, notei os enfeites e as luzinhas espalhados por toda parte. O ritmo da neve ainda não aumentara muito, mas o tamanho dos flocos, sim. Cada um tinha mais ou menos o diâmetro de uma moeda de 25 centavos, e eram grossos, deixando a cidade como um daqueles globos transparentes que os turistas compram nos aeroportos.

Quando cheguei à nossa casa na Rua 5, no Southeast, eram quase oito e meia. O ar cheirava a torta de pecã. Bree e as crianças estavam perto da janela, ocupadas terminando de enfeitar a árvore. E é claro que Nana Mama, Sargento Oficial de Todas as Festas, supervisionava cada mínima tarefa.

– Não ponha duas bolas verdes uma ao lado da outra, Damon. Tenha estilo ao enfeitar uma árvore – ela repreendeu com toda a autoridade de quem já tinha sido subdiretora de escola.

Bree pendurava num dos galhos um desenho desbotado dos três Reis Magos feito com lápis de cera. Reza a lenda que fiz aquele enfeite quando estava no jardim de infância e Nana sempre o trazia à luz no Natal.

– Ora, vejam só quem saiu da nevasca – disse Bree, vindo em minha direção e me dando um beijo nos lábios. – Olá, querido.

Nana decidiu não olhar para mim. Apenas perguntou:

– Será que há alguma remota possibilidade, Alex, de você passar alguns minutos do Natal com a família? Ou estamos pedindo demais?

Eu deveria ter a sabedoria de não dizer nada a Nana e só lhe dar um beijo de Natal, mas nunca aprendo. Ela me provoca como ninguém neste mundo.

– Obrigado pela culpa! Toda embrulhada com um laço para o Natal – falei, oferecendo abraços à minha filha Jannie e ao meu filho Damon, em casa durante as férias de inverno da escola; e depois a Ava, a filha adotiva que Nana trouxera recentemente para o nosso teto.

– Parece que arranjou uma dose de bom senso, seu bobo – retrucou Nana Mama.

– Nana, quando recebi aquela ligação do padre Harris hoje de manhã, ele me disse que foi *você* quem sugeriu que ele me ligasse para ajudar a pegar o ladrão da caixa de doações – argumentei. – *E foi o que eu fiz.*

– O padre Harris disse isso? – perguntou Nana.

– Sim. Também disse que detestava me importunar na véspera do Natal, mas que *você* tinha feito questão, deixando bem claro que não seria incômodo nenhum, já que o seu neto não demoraria um minuto para resolver o caso do gatuno das esmolos.

– Humpf – resmungou ela, balançando a cabeça. – Imagine só, um padre inventando coisas! E logo o padre Harris. Mas também a gente nunca sabe.

– Ela enfiou a mão numa caixa e se virou para Ava. – Tome aqui, querida. Ponha esse Menino Jesus de louça num galho baixo. Assim, se ele cair, não irá muito longe.

– Então está me dizendo que o padre Harris mentiu para mim na véspera do Natal, Nana?

Ela emitiu um muxoxo e franziu os olhos para mim.

– Só estou dizendo que o mundo fica mais triste quando um homem está longe de sua família na véspera do Natal. Mesmo um detetive de homicídios importante e poderoso como você precisa ficar em casa com os entes queridos na noite da véspera do nascimento de Jesus.

Todos riram de Nana por implicar tanto comigo. Eu mesmo tentava conter um sorriso. Ela também.

– É horrível Ali não estar aqui – Jannie comentou, mencionando o meu filho de 6 anos.

– É mesmo – concordei –, mas a mãe dele também comemora o Natal.

– Já volto – disse Bree, saindo da sala.

Tive que admitir que a árvore estava maravilhosa contra a janela panorâmica salpicada de neve. Bree reapareceu com uma grande terrina de vidro de *eggnog* caseiro, outra tradição de véspera de Natal na nossa casa.

O *eggnog* foi preparado com muito, mas muito creme batido e polvilhado com noz-moscada, tão doce que cada xícara deveria conter duas mil calorias. Ela pôs a terrina ao lado de um prato de biscoitos amanteigados que também deviam ter, cada um, as mesmas calorias do *eggnog*. Mas e daí? Era Natal. Eu me servi de duas porções dos dois. Damon sintonizou uma estação de Natal no Pandora, fosse lá o que isso fosse, e o velho Nat King Cole cantou que, de agora em diante, todos os meus problemas acabariam. Muito embora Nana não parasse de implicar sobre eu ter ido trabalhar, parecia que aquela seria uma noite calorosa e maravilhosa.

Quando a música mudou para Mariah Carey cantando “All I Want for Christmas Is You”, Jannie, Ava e Bree começaram a dançar, enquanto Damon me contava uma incrível história real que leu na escola sobre Teddy Roosevelt subindo o rio Amazonas com o filho.

Então meu celular tocou.

Nem mesmo a voz transcendente de Mariah conseguiu impedir que aquele som sugasse toda a alegria da sala.

Baixei a cabeça, evitei fazer contato visual, fui até o saguão e atendi. Era o subchefe de polícia Allen Chivers.

– Estou interrompendo a véspera de Natal?

– Pois é – respondi.

– Detesto fazer isso, Alex, mas estou com um problemão. O tipo de coisa que parece que só você é capaz de resolver.

Escutei mais um minuto inteiro, a cabeça encostada na parede, sabendo exatamente por que a casa estava silenciosa.

– Tudo bem – falei. – Estarei lá.

Desliguei e voltei para a sala. Nana ergueu os olhos para o teto. As crianças desviaram o olhar com aquela cara de “Ah, de novo não”.

Bree balançou a cabeça e disse:

– Bom, fazer o quê? Feliz Natal, Alex Cross.

capítulo 2

ENQUANTO EU DIRIGIA PELAS RUAS QUASE desertas de Washington, a neve que uma hora antes parecera tão bonita agora estava simplesmente feia. Era triste largar a casa e a família e eu não podia evitar que ficassem zangados ou chateados comigo. Puxa, até eu estava chateado e irritado comigo. E com o meu emprego.

Que droga, pensei. Só havia uma pessoa no mundo que deveria trabalhar no Natal. E ele usava uma roupa vermelha e tomava montes de *eggnog* engordativo coberto de noz-moscada e creme batido. Que se dane, e que se dane o Papai Noel também.

Quando entrei em Georgetown pela avenida Pensilvânia, um ônibus na minha frente freou de repente a um centímetro da neve lamacenta. Derrapei e quase bati na traseira dele. Os malditos operários das obras públicas de Washington estavam em casa com a família. Os limpa-neves podiam esperar, certo?

Os limpadores de para-brisa estavam congelando quando procurei o endereço na Rua 30, em Northwest, bairro da cidade que era diametralmente oposto ao meu. Aquela era a terra do leite e do mel, do poder e do dinheiro, e as casas eram uma prova disso.

O número 1.314 era uma bela mansão de pedra calcária iluminada como a árvore de Natal da Casa Branca. Mas logo vi que a maior parte do efeito luminoso vinha dos carros da polícia, das lanternas, dos holofotes e das luzes das câmeras de TV. Estacionei, abri a porta, olhei para a mistura de lama e neve e praguejei.

Saí de casa tão depressa e tão irritado que não tive o bom senso de pegar um par de botas para usar na neve. Enquanto chapinhava rumo à fita que isolava a cena do crime, meus tornozelos começaram a congelar, ao mesmo tempo que pedaços de gelo e neve derretida entravam, de alguma maneira, nos meus sapatos.

Mostrei o distintivo ao patrulheiro que guardava a área, passei por baixo da fita e fui em direção às duas vans da Polícia Metropolitana estacionadas no gramado em frente a uma mansão de tijolos em estilo georgiano do outro lado da rua. A porta de um carro se abriu perto de mim. Um homem de meia-idade saiu e andou diretamente para onde eu estava. Vestia uma

jaqueta de esqui verde e um gorro vermelho. Tirou uma das luvas e estendeu a mão avermelhada e gorducha.

– Você é Alex Cross, não é? – perguntou.

Achei que conhecia a maioria dos policiais de Washington, mas esse, repleto de sardas e com o cabelo ruivo crespo escapulindo do gorro de esqui, era novo para mim.

– Sou – respondi, apertando sua mão.

– Detetive Tom McGoey. Seis dias inteiros no departamento. Originalmente de Staten Island.

– Feliz Natal, detetive. E bem-vindo a Washington. Acabei de receber um resumo do subchefe Chivers. Pode me contar tudo?

– Um presente de Natal um tanto mórbido para você. E para mim.

Suspirei.

– É, isso eu já percebi. Vamos aos detalhes sangrentos.

capítulo 3

ENTRAMOS NO CARRO DE MCGOEY, QUE ligou o aquecedor no máximo e me contou os detalhes da história. Logo percebi que era mesmo uma situação complicada, com potencial para se tornar uma tragédia em grande escala.

A linda mansão pertencera a Henry Fowler, um excelente advogado que caíra em dificuldades. Diana, a ex-mulher de Fowler, agora era dona da casa e morava lá com o novo marido, o Dr. Barry Nicholson, e os três filhos: os gêmeos Jeremy e Chloe, de 11 anos, e o caçula Trey, de 6.

– Henry Fowler prendeu todo mundo lá – disse McGoey. – Está armado até os dentes e deixou bem claro que está disposto a morrer hoje.

– Que ótima notícia – comentei.

– E fica ainda melhor – continuou o detetive. – Melissa Brandywine também está lá dentro. – Ele apontou para uma mansão mais abaixo. – É a vizinha, mulher do deputado Michael Brandywine, do Colorado.

– O chefe me falou – resmunguei, fechei os olhos e massageei as têmporas. – Onde ele está? Brandywine?

– Em Vail com os dois filhos, aguardando a mulher para esquiar nas férias. Ela deveria ter pegado o avião hoje à tarde, mas cometeu o erro de trazer uma caixa de biscoitos para Diana antes de sair.

Engraçado como uma gentileza de cidade pequena pode se transformar em uma encrenca em Washington.

– Fowler disse por que está fazendo isso?

– Ele falou conosco uma vez, mas não deu nenhuma explicação – respondeu McGoey. – Não saberíamos de nada se Melissa não tivesse ido ao banheiro e mandado um torpedo para o marido contando o que estava acontecendo aí dentro.

– O deputado foi o primeiro a fazer a denúncia?

– Foi. E ameaçou ferrar com todo mundo se algo der errado.

Mentalmente, comecei a analisar a situação e deixar de lado toda a frustração por ter abandonado minha família na véspera do Natal. Era hora de me concentrar.

– Fale de Fowler. Do divórcio. Tudo o que preciso saber.

– Não temos muita gente na base hoje. Por isso, ainda estamos esperando a maior parte da verificação de rotina. Mas sabemos que os Fowlers se divorciaram há dois anos. Foi ela que pediu. Encontrou um novo marido em dois meses, ou talvez antes, e foi em frente. Henry nem tanto, evidentemente.

– Alguma ideia das armas que Fowler tem?

– Ah, sim – respondeu McGoey, consultando o caderno. – Ele nos deu a lista na única vez que atendeu o telefone.

Fowler afirmava ter duas Glock 19, a arma de serviço padrão do Departamento de Polícia Metropolitana – o que significa que tenho uma. O bom da Glock é que ela dá dezenove tiros. O ruim é que dá dezenove tiros. Fowler também tinha duas espingardas de ação rápida calibre 12, dois fuzis AR-15 e várias caixas de munição para cada arma.

Duas de cada. Por quê?

Escrevi tudo no meu caderno, rabisquei *Muito tempo de preparação* e puxei uma seta para a lista.

– Isso é tudo? – perguntei.

– Até onde sabemos, sim. Bom, não falei dos sanduíches de geleia e manteiga de amendoim.

Franzi a testa.

– Não sabia que geleia e manteiga de amendoim eram armas fatais.

– Só para quem é como o filho caçula de Fowler – disse McGoey. – Alergia a amendoim. Uma mordida e só terá uns dez minutos de vida.

capítulo 4

NA MINHA OPINIÃO, UM CASO COM REFÊNS em família é, sem dúvida, o pior tipo de situação que um policial pode enfrentar. Descubri isso há muito tempo, quando tinha 14 anos, para ser mais exato. Um viciado em cocaína chamado Willie Gonzalez fez a família refém na rua onde Nana Mama e eu morávamos. Depois que Gonzalez matou a tiros a mulher grávida e as duas filhas pequenas e em seguida se suicidou, vi um dos policiais que tinham negociado com ele. O pobre homem estava sentado no carro, chorando e bebendo uísque Jack Daniel's direto da garrafa.

Tive a infelicidade de participar de cerca de uma dúzia de missões desse tipo em minha carreira, algumas vezes como negociador principal, muitas outras dando assessoria psicológica. Há uma variedade de coisas que podem acontecer com um policial. Pode ser preciso acertar um tiro num terrorista, desenredar meticulosamente um sequestro ou até ser mais esperto do que um ou dois assassinos em série. Todas essas situações são capazes de criar um caos psicológico.

Mas lidar com alguém que mantém familiares refêns é como deter um caminhão pesado com uma sobrecarga de insanidade. Em geral, quem está com a arma – o mais comum é um homem obcecado e usuário de drogas, como Willie Gonzalez – já pirou a ponto de não dar a mínima para os refêns nem para o futuro. Ele joga a culpa de alguma coisa nele ou na família, mas não consegue explicar o que é nem ver a verdade das circunstâncias. É uma situação em que todos saem perdendo.

Quanto aos negociadores... bem, em geral somos inteligentes e bem treinados, mas raramente agimos como os heróis que se veem nos filmes. Se eu já vi o sequestrador dar ouvidos ao negociador, largar a arma e sair com as mãos levantadas? Claro, mas só umas duas ou três vezes. Está no terreno das possibilidades. E a probabilidade contrária é altíssima.

Saímos do carro e seguimos para as vans da polícia, de onde, segundo McGoey, outros policiais tentavam retomar o contato com Fowler. Uns três centímetros de neve cobriam o chão e a tempestade só piorava. Agora eram os meus pés que estavam congelando.

– Será que eles têm botas extras?

O detetive olhou para os meus sapatos.

- Só estou aqui há seis dias – disse ele.
- Boa resposta – falei, lembrando quanto não gostava de frio e neve. – De quem é essa propriedade? – perguntei, apontando a mansão georgiana de tijolos na frente da qual o carro dele estava estacionado.
- Do embaixador da Nigéria. Não faço ideia de como se pronuncia o nome.
- Belo lugar o embaixador da Nigéria arranhou.
- É, metade do país dele morre de fome e o cara mora numa casa de seis quartos em Georgetown. Acho que também viajou no feriado.
- Provavelmente para Lagos. Já estive lá. Um verdadeiro buraco do inferno. Mas, pensando bem, dadas as circunstâncias aqui, talvez hoje eu também preferisse estar em Lagos.

capítulo 5

O COMANDANTE DA SWAT NAQUELA NOITE era Adam Nu, um amigo meu de longa data. Ele era o tipo de sujeito que sempre pensava em tudo. Depois de escutar a previsão do tempo, mandou seus homens montarem lonas e telas contra o vento atrás das duas vans da Polícia Metropolitana. Eles ainda arranjaram um tapete para colocar em cima da neve e, mexendo uns fios, acenderam algumas lâmpadas. Além disso, trouxeram um aquecedor a gás de 200 mil BTUs para combater o frio, enquanto os integrantes da equipe arrumavam o equipamento. Para completar, havia um par a mais de botas táticas pretas e meias de lã.

- Você sabe mesmo se preparar para uma nevasca, Adam – falei, sentando-me num banco dentro do abrigo improvisado para trocar as meias.
- Fui criado em Duluth por um pai que adorava pescar no gelo – disse Adam, dando de ombros.
- Já tem homens mobilizados? – perguntei.

Ele confirmou que tinha vários homens posicionados em distâncias e locais diferentes em torno da casa dos Nicholsons.

A neve tornava impossível pôr gente nos telhados das casas vizinhas, onde seria a posição ideal. Mas havia homens tentando encontrar os donos ausentes a fim de pedir permissão para entrar nas casas. Assim, os policiais poderiam se posicionar nas janelas, de onde conseguiriam

ver dentro da residência dos Nicholsons com binóculos ou sistemas de imagens infravermelhas.

Ele também tinha policiais da SWAT com blindagem pesada no perímetro da propriedade, contornando a casa o tempo todo. Cada um deles levava um Sig Sauer P226, fuzil de alta potência com mira de precisão.

– Esses sujeitos não deviam estar em posição de tiro? – perguntou McGoey.

– Isso eu já tenho bastante – respondeu Adam. – E as pesquisas do FBI mostraram que homens em movimento fazem o elemento se descuidar. Às vezes ele se confunde e se revela.

– Plantas baixas? – perguntei.

– Ramiro tem uma aí dentro – disse ele, e entramos na van pela esquerda.

O detetive Diego Ramiro, outro amigo e negociador de sequestros com muito mais experiência do que eu, era um dos três homens dentro da van que ligavam para o telefone fixo da casa dos Nicholsons e para os celulares do médico, da mulher e da esposa do deputado Brandywine.

Pelo que sabíamos, Fowler pegara todos os aparelhos e gostava que tocassem sem parar. É assim que são essas situações com reféns em família: variáveis e esquisitas.

Ramiro, um sujeito robusto de 50 e poucos anos, desligou o próprio celular, me olhou com extrema frustração e disse:

– Alex, não poderemos fazer absolutamente nada se esse filho da puta não atender o telefone e falar conosco.

Eu já havia trabalhado com Ramiro. Ele não era de perder a calma. Só que, como eu e todo mundo lá, não estávamos em casa na véspera do Natal. Estávamos todos presos numa nevasca, esperando um lunático atender o telefone.

– Há quanto tempo estamos ligando para Fowler? – perguntei.

Diego folheou o bloco de notas.

– Começamos faz quase uma hora.

McGoey completou:

– Foi quando Fowler resolveu tagarelar sobre quem estava lá com ele e que tipo de armas e munições tinha.

– Continue falando com ele – instruí. – Mande torpedos, deixe recados. Não pare.

Ramiro concordou e deu a ordem aos outros. Fiquei ali escutando durante vários minutos, pedindo a Deus que tivéssemos mais informações so-

bre Fowler. O que o levava da vida de advogado rico para aquela situação desesperadora?

Eu mal me fizera essa pergunta quando Ramiro agitou o dedo para mim e McGoey e apertou um botão no celular. O aparelho estava ligado por uma conexão sem fio a alto-falantes dentro da van. Escutamos uma voz abafada de mulher, ruídos e depois um gemido. Prendemos a respiração e fitamos os alto-falantes como se fossem monitores de vídeo.

– Sr. Fowler? – começou Ramiro. – Obrigado por...

Tiros explodiram no outro lado da linha.

O show de horrores de Natal começara – ou, talvez, terminara.

capítulo 6

DAMON ESTAVA NA PONTA DOS PÉS numa cadeira bamba da cozinha. Suava e tentava ao máximo prender um delicado anjo antigo no alto da árvore de Natal.

– Espere que vou pegar uma escada e eu mesma subo aí – disse Nana Mama.

– Não preciso de escada e é claro que não vou deixar minha bisavó de 90 anos subir numa delas – retrucou Damon.

– Você só é preguiçoso – provocou Nana Mama. – É assim que seu pai o cria ou é nisso que você está se formando naquela sua escola chique?

Damon não sabia se ficava irritado ou se começava a rir do fato de ela implicar com ele desse jeito. Finalmente, os dedos dele conseguiram prender na árvore o anjo com um pedaço de renda branca antiga, que Nana Mama disse ter pertencido à avó dela.

– Pronto – disse ele, pulando da cadeira e olhando para ela. – Aplausos?

– Pelo quê? – perguntou a bisavó.

– Por colocar o anjo lá em cima?

– Ah, isso – disse Nana Mama. – Se tivesse buscado aquela escada para mim, eu teria feito muito mais depressa.

– E fraturaria o quadril – disse Bree enquanto começava a guardar os enfeites e as lâmpadas que não estariam na árvore esse ano. – Obrigada, Damon. O anjo está lindo lá em cima.

Nana Mama suspirou.

– Não entendo por que o alto da árvore é sempre a última coisa que enfeitamos. Deveria ser a primeira, para o anjo poder nos olhar enquanto decoramos o restante. Isso faz todo o sentido, não faz? – perguntou ela.

Damon não respondeu. Ninguém respondeu. Com exceção de Nana Mama, ninguém estava com muita vontade de falar depois que Alex saíra.

– Jannie, o que acha? – perguntou ela.

– Com todo o respeito, Nana – disse Jannie –, acho que a senhora está tentando nos distrair para que esqueçamos que papai saiu para trabalhar num caso e pode se ferir no Natal.

Nana foi até Jannie e a abraçou com força.

– Que menina inteligente você é, Jannie. Esta é uma família de mulheres inteligentes.

Damon olhou para o teto e suspirou. Bree deu um sorrisinho e Nana tentou ao máximo voltar ao seu modo sensato.

– Aquele Alex... – Ela suspirou. — A culpa é minha. Confesso: não criei aquele garoto direito. Se tivesse criado, ele nunca seria idiota a ponto de sair no meio do Natal para trabalhar num caso horrível.

Mais uma vez, ninguém disse nada.

Bree ergueu os olhos das embalagens e comentou:

– É óbvio que Alex vai demorar para voltar, então não vamos deixar a peteca cair. Feliz Natal a todos!

– E a todos, boa noite — acrescentou Ava.

Nana tentou sorrir, mas os seus olhos se encheram de lágrimas.

– É – balbuciou ela. – Por favor, Senhor, que seja uma boa noite.

Damon se comoveu, foi até a bisavó e a abraçou.

– Será, Nana. Eu prometo.

capítulo 7

O SOM DOS SEIS TIROS ecoou no meu crânio.

Seis reféns, pensei. Acabou? Resgataríamos os corpos?

Então ouvimos os gritos histéricos das crianças.

– Papai, não!

Todos foram rapidamente encobertos por uma voz desagradável e raiosa que berrava nos alto-falantes da van:

– Eu poderia ter eliminado cada um desses tristes arremedos de humanidade, esses pobres merdas. Mas não. Sabe por quê? Porque ninguém abre os presentes na véspera do Natal. A gente espera o santíssimo dia do consumismo para fazer isso. Não é assim? Pois é... mas não desta vez, amigos! Acabei de abrir todos eles!

Fowler começou a rir como um louco feliz.

– Por favor, papai! – implorou uma voz de menina. Era Chloe Fowler.

– Por favor o quê? – rugiu Fowler. – “Por favor, não atire na Barbie, papai? Se atirar na Barbie, quem o Ken vai amar, papai?”

Então se ouviu uma voz masculina – o Dr. Nicholson:

– Você está assustando a menina, Fowler. Ela é sua filha.

– Não! – fungou Fowler com desdém. – É isso mesmo, *Barry*? Você sabe tudo, não é, *Barry*? O Sr. Oftalmologista, o médico fodão mais bem-remunerado do ano.

Uma arma disparou. Escutamos vidro se quebrando e mais choro.

– Está vendo isso? – berrava Fowler. – Está vendo, doutorzinho? Cale essa boca ou vai ficar igual a tudo o que está debaixo da árvore de Natal. – Ele começou a cantar. – Feliz Natal a todos! Feliz Natal a todos!

– Sr. Fowler! – berrou Ramiro no celular.

– E um Ano-Novo também! – cantou Fowler, depois parou.

Ouvimos passos. Em seguida, pegaram o fone.

– O que o velho Henry, o mágico destruiu com sua varinha, senhoras e senhores do júri? – sussurrou Fowler. – Alguém tem um palpite? Alguém?

Ele fez uma pausa. Os três me olharam, confusos. Antes que eu sequer pensasse em interpretar os desvarios de Fowler, ele disse:

– Ah, vejamos. Um lindo iPad novo. Acertei bem na maçã... e aqui temos o que já foi um Xbox com Kinect. Senhoras e senhores do júri, o querelante deveria me agradecer e não me processar. Agora meus filhos idiotas terão mais tempo para o dever de casa. E a bugiganga da Tiffany da minha ex-mulher? Ora, vamos lá, já viu tanto lixo com preço tão alto? Deveria haver uma lei contra a Tiffany e a Nordstrom. Quero dizer, vejam só aquele lindo suéter polo azul do Barry. Caxemira não detém balas, detém, senhoras e senhores?

Fowler parou de falar. Só conseguíamos ouvir a sua respiração apressada e me perguntei se estaria drogado, bêbado ou as duas coisas.

– Ei, Sr. Fowler – disse Ramiro com calma, com cuidado, quase com sua-

vidade, do jeito que ensinam nos cursos do FBI sobre negociação com sequestradores.

– Quem é? – berrou Fowler de volta.

– Eu me chamo Ramiro. Estou contente de ouvir que as pessoas que o senhor prendeu aí dentro estão bem. É uma boa notícia.

Fowler explodiu:

– Quem é você? Mais um policial chorão de merda? Você realmente acha que essa gente aqui está bem, policial chorão de merda? Assim que o sol nascer e todas as Cindy Lou Quem de Quemlândia tiverem cantado a sua musiquinha, vou explodir a cabeça deles de uma vez por todas!

As crianças voltaram a chorar.

Ramiro olhou para mim. Fiz um gesto movimentando as mãos para baixo. Fique calmo. Faça tudo com calma.

– Entendo o que está dizendo, Sr. Fowler – disse Ramiro. – Que tal conversarmos e esclarecermos tudo?

Bom, pensei. Envolvê-lo calmamente. Criar um terreno comum.

– Você é um tipo de negociador de sequestros? – perguntou Fowler.

Ramiro hesitou. Nada bom.

– Sou só um sujeito que quer escutar o que tem a dizer, Sr. Fowler.

– Pode dizer isso ao júri, seu chorão de merda! – berrou Fowler. – Nunca mais falo com você. *Nunca*.

E desligou.

capítulo 8

DO LADO DE FORA O VENTO COMEÇAVA A AUMENTAR, espalhando a neve. O gramado diante da casa dos Nicholsons sumira debaixo dos 8 centímetros que já tinham caído.

– Como lidamos com esse sujeito, Alex? – perguntou Ramiro. – Ele é um psicótico.

– Ou está cheio de algo mais forte do que raiva – falei.

Adam Nu estava ao telefone com o deputado Brandywine, tentando lhe garantir que, até onde sabíamos, a mulher dele ainda estava viva entre os reféns lá dentro. Estudei as anotações que tinha feito depois que Fowler desligara, tentando ver algum tipo de padrão no seu desvario.

Falara conosco como se fôssemos o júri e ele defendesse um cliente num tribunal. Admitira ter atirado nos presentes de Natal. Chamara o marido da ex-mulher de “Sr. Oftalmologista, o médico fodão mais bem-remunerado do ano”. Era claro que detestava Barry Nicholson e que tinha profundo ressentimento com relação a dinheiro. Chamara o Natal de “santíssimo dia do consumismo”. Falara mal da Tiffany. Chegara a citar Cindy Lou Quem e a Quemlândia, da história do Grinch.

Seria assim que ele se via? Como o Grinch? Batuquei no bloquinho e percebi uma coisa: por que eu não ouvira o grito das duas mulheres? Talvez uma, bem no começo, antes que Fowler começasse a atirar. Mas, a partir daquele ponto, nenhuma voz de mulher. Estariam mortas?

Não. Ele teria feito referência a atirar nelas. Portanto elas estavam lá, mas sem falar. Por quê? Para não perturbarem...

– Alex – chamou McGoey.

Ergui os olhos. O detetive me entregou um tablet e disse:

– Os caras lá do centro acabaram de mandar o arquivo de Henry Fowler.

Adam desligou o telefonema com o deputado. Cada um de nós usou um tablet para examinar as fichas da polícia, as avaliações psicológicas e as notícias que Henry Fowler gerara a caminho daquele impasse com reféns. Pulei a ficha criminal por enquanto, querendo entender quem ele fora antes de tudo aquilo. De certa forma, era como dar um passeio com o Fantasma dos Natais Passados.

capítulo 9

O INÍCIO DA HISTÓRIA DE FOWLER foi promissor. Nascido numa família de professores de classe média, frequentou a New Trier High, uma boa escola pública num subúrbio de Chicago, depois fez faculdade e pós-graduação em Direito em Georgetown. O departamento conseguiu até desenterrar a foto de formatura de Fowler na faculdade. Ele foi o terceiro da turma e o fato de parecer irmão de Tom Brady, o craque de futebol americano, não deve ter atrapalhado.

Depois da faculdade, Fowler foi parar no Foley Haig, um dos melhores e mais antigos escritórios de advocacia da capital americana. Logo Fowler se tornou conhecido. Tinha as características perfeitas para um advogado de

defesa em processos cíveis: perseverança, eloquência clássica e uma atitude de matador.

Havia reportagens lisonjeiras sobre ele no *Post* e no *Times*. Ao ler, percebi que já ouvira falar dele. Anos antes, novecentas mulheres abriram um processo conjunto contra uma rede varejista nacional, acusando-a de pagar salários baixos demais e de perseguição no local de trabalho.

Bree e eu tínhamos conversado sobre o caso num dos nossos primeiros encontros. Sei que não foi um assunto muito romântico, mas a minha então futura mulher acompanhara o caso quase obsessivamente porque trabalhara na empresa antes de entrar para a polícia. Acreditava que as mulheres tinham sido tratadas de forma injusta porque também fora tratada assim naquele emprego.

No entanto, Fowler representou a rede de lojas e venceu, embora todas as reportagens apontassem que o forte dele não eram os processos trabalhistas. Ele se especializara em defender empresas farmacêuticas em processos de morte por negligência.

Antes do caso trabalhista, ele tinha representado uma empresa de biotecnologia da Califórnia processada por familiares de participantes do estudo de um novo medicamento para a doença de Huntington que morreram logo após o tratamento. Fowler argumentara de forma convincente que os pacientes em questão eram doentes terminais na época do estudo, que tinham esperado um milagre e que sua cliente não podia ser considerada culpada por não fazer milagres.

Depois da grande vitória trabalhista, Fowler voltou aos litígios farmacêuticos. Foi contratado para defender uma das grandes empresas do setor contra acusações de que o novo medicamento para hepatite A provocara lesões neurológicas em 10% dos pacientes.

Fowler venceu de novo. O medicamento continuou no mercado.

– Ele deve ter ganhado uma fortuna com isso – comentei.

McGoey concordou.

– Pagou um milhão de imposto de renda naquele ano. Faça as contas.

– Até aí ele estava cheio da grana – concordou Adam, que estava lendo algo em sua tela. – Mas alguma coisa aconteceu. Anos depois, tudo começou a desmoronar.

capítulo 10

– **O**NDE VOCÊ VIU ISSO? – perguntei a Adam. – Registro de divórcios?

– Isso é confidencial – respondeu o tenente da SWAT. – Você ainda não analisou a ficha dele, Alex? O cara não veio escorregando devagar. Ele pulou de um penhasco.

Voltei, achei a ficha, abri e logo vi do que Adam estava falando. Cerca de um ano depois de a mulher pedir o divórcio, Fowler foi preso por dirigir alcoolizado. Nunca tivera problemas com a lei antes. Isso mudou muito no decorrer dos seis meses seguintes.

Nesse período, ele foi acusado de dirigir alcoolizado mais duas vezes e perdeu a habilitação. Mas isso não o fez parar. Numas ocasiões, foi visto comprando drogas em Anacostia; em outra, foi detido com metanfetamina e heroína preta. Um mês depois, foi preso totalmente chapado, acusado de surrar uma prostituta. Aparentemente, ele a culpava pelo que se tornara.

Sete vezes, pelo menos, a Polícia Metropolitana foi chamada à residência de Fowler por vizinhos que se queixavam de distúrbios domésticos. Nove meses depois dessa mudança radical de comportamento, Fowler perdeu o emprego por decisão dos sócios. Após dois meses, a ex-mulher de Fowler mandou trocar as fechaduras da casa e conseguiu um mandado judicial para impedir que ele tivesse contato com ela e com os filhos.

O processo só afastou Fowler ainda mais de quem ele era. Não se passava um mês sequer sem que surgisse algo interessante na ficha do advogado. Acusações por intimidar uma testemunha no julgamento do divórcio e por agredir os filhos... posse ilegal de armas de fogo...

Na noite em que a separação foi oficializada, Fowler arrombou a casa de um ex-amigo e roubou tudo em que pôs as mãos. Foi preso e passou noventa dias na cadeia, sua primeira temporada na prisão, mas não a última.

A ex-mulher anunciou a intenção de se casar com o Dr. Barry Nicholson, velho amigo da família, e, uma semana depois, Fowler apareceu muito doido no consultório do oftalmologista, armado com uma faca. Ameaçou Nicholson e aterrorizou a equipe do consultório durante quase uma hora até ser dominado e preso.

Nicholson se recusou a abrir um processo, afirmando acreditar que Fowler sofria de doença mental e que a mudança radical de comportamento

era resultado de algo orgânico, e não ambiental. O tribunal ordenou que Fowler passasse por avaliação psiquiátrica, mas nada conclusivo foi encontrado e, por fim, ele foi libertado.

Em seguida, Fowler tentou atrapalhar o casamento da ex-mulher. Os seguranças o puseram para fora, mas todos o ouviram berrar que Barry Nicholson e a sua ex-mulher estavam condenados. Desde então, a vida de Fowler ficou ainda mais miserável e desesperadora.

Para sustentar o vício, tentou se tornar traficante. Não teve sucesso e morou algum tempo nas ruas, nas instalações elegantes de sempre: caçambas de lixo, casas abandonadas, banheiros públicos. Depois, uma prostituta de terceira categoria conhecida como Patty Paradise o levou para morar com ela. A própria Patty era uma viciada patética, com tremores, dentes podres, HIV, todo o catálogo de problemas que acompanham a dependência de metanfetamina.

Recentemente, Fowler passara quatro meses na cadeia do condado de Montgomery, no estado de Maryland, acusado de furto.

– Ele saiu no dia seguinte ao de Ação de Graças – observou McGoey –, o que lhe deu 28 dias inteiros para se preparar para isto.

– A menos que já estivesse se preparando antes – falei, esfregando as têmporas. – Como um antigo chefe meu costumava dizer: “Não há descanso para os maus nem botão soneca na bomba-relógio humana.”

capítulo 11

NA HORA QUE SE SEGUIU, Fowler não atendeu mais o telefone. Os integrantes da equipe de Adam Nu vestiram camuflagem de neve e se aproximaram da casa com dispositivos de escuta. Voltaram às 22h50 e recomendei a Tom McGoey que convocasse uma rápida reunião com os líderes de equipe.

Nós nos reunimos junto às duas vans, no abrigo improvisado que estava surpreendentemente quente e seco, apesar do tempo.

– Ele já está há quase quatro horas mantendo os reféns sozinho – comecei. – Isso não é bom. Com um parceiro, Fowler poderia dormir. Sem um, cada minuto vai ficando mais difícil para ele, porque tem que ficar de olho nas pessoas que mantém presas, desconfiar de cada fresta do assoalho...

Um dos sujeitos da SWAT, um policial pequeno e com cara de durão chamado Jacobson, se aproximou. Estava vestindo uma camuflagem de neve e interrompeu:

– Ele está sob efeito de alguma coisa.

– Fez contato visual? – perguntou McGoey.

– Por um segundo, quando tentamos instalar um aparelho de escuta. Fowler passou pela nossa linha de visão com as armas dele.

– Como ele se movia? – perguntei.

– Andava depressa, agitado. Meu palpite é metanfetamina.

Fazia sentido. Naquela época, na cadeia, a metanfetamina circulava como canapés numa festa. E, nos últimos anos, ficara igualmente popular nas ruas de Washington.

Todo mundo sabia que Fowler era usuário.

– Ou seja, dependendo de há quanto tempo ele está nessa onda, pode pifar a qualquer momento – disse Adam.

Um viciado após um excesso de metanfetamina é um caos que anda e fala. Nos primeiros dias, as emoções oscilam. Num momento, sociável. No seguinte, paranoico. Está eufórico e, logo em seguida, mergulha nas profundezas da depressão. O problema é que, em certo momento, em geral depois de passar vários dias acordado, a droga costuma provocar um ataque de fúria selvagem em que o viciado enlouquece tentando destruir tudo e todos à sua volta.

– Alguma ideia de quanto tempo falta para isso? – perguntei a Jacobson.

O policial da SWAT fez que não com a cabeça.

– Pelo que vi, não dá para saber.

– Temos algum aparelho de escuta instalado? – perguntou McGoey.

Jacobson negou outra vez.

– Neve e gelo demais. Ficamos com medo de que ele atirasse nos reféns se escutasse a gente tentando limpar o lado de fora da janela.

– Está certo – respondi.

Adam nos informou que os seus homens tinham conseguido permissão para entrar nas casas vizinhas à residência dos Nicholsons e que já estavam a postos.

– Vou pôr dois atiradores em cada casa e equipes de ataque ao alcance de todas as portas: frente, fundos, pátio, cozinha e garagem. Se distrairmos Fowler na porta da frente, onde esse tipo de gente costuma concentrar a atenção, talvez dê para entrar pelos fundos.

– Sistema de alarme? – indaguei.

– Boa pergunta – disse Adam. – Vou mandar desligar.

A discussão passara para a caçada a Fowler. Isso me frustrava, mas, se o homem não falava, o que mais poderíamos fazer?

– Vamos discutir o momento certo – disse McGoey. – Acho que quanto mais a gente esperar...

Notei algo que me fez parar de lhe dar atenção no meio da frase. Por cima do ombro de Adam e por uma fenda nas lonas, vi uma mulher andando na nossa direção. Ela estava toda agasalhada e caminhava com dificuldade por causa dos agora 10 centímetros de neve que revestiam a cidade. A luz de um carro que passava iluminou seu rosto por alguns segundos.

Era Bree.

O que minha mulher estava fazendo ali?

capítulo 12

– **COM LICENÇA, CAVALHEIROS.** Volto já – falei e me afastei do grupo.

Bree entrou no abrigo.

– Ei – eu disse, indo até ela. – O que houve?

Ela tirou o capuz.

– O que houve? – perguntou Bree num sussurro. – Quando saí de casa, Nana estava se debulhando em lágrimas, certa de que você morreria na véspera do Natal.

Meu estômago se revirou.

– Mas eu estou bem, como você pode ver. Vou ligar para ela.

– Ela já foi para a cama.

– Você deveria seguir esse exemplo.

– E você acha que eu conseguiria dormir, Alex?

Suspirei.

– Bree, você, mais do que ninguém, sabe como isso funciona.

– Sei como funciona com você – disse ela. – Consigo dizer não ao serviço, mas você não consegue, Alex. Isso não é bom para você nem para a sua família. Ainda mais no Natal.

– Às vezes a gente não pode dizer não, mesmo sendo Natal – respondi.

– Às vezes temos um maluco cheio de metanfetamina que decide que a

festa é a hora perfeita para fazer reféns os três filhos, a ex-mulher e o novo marido dela.

Bree cruzou os braços e desviou os olhos.

– Você tem uma família que acha que as outras famílias em crise sempre vêm em primeiro lugar – resmungou.

– Isso não é justo, Bree.

– Talvez não seja – disse ela, me olhando de novo. – Mas achei que seria importante você saber que é o que seus filhos pensam.

Senti a cabeça e o peito pesados.

– Fico muito triste por ouvir isso, Bree. E a coisa que mais quero neste momento é voltar para casa, acordar amanhã de manhã e abrir os presentes. Mas, francamente, não sei como me sentiria se eu fizesse isso e depois descobrisse que esse sujeito assassinou a família inteira quando eu talvez fosse capaz de impedir.

Bree me olhou; estendeu a mão e tocou o meu rosto com os dedos gelados.

– Você tem que fazer o que é preciso. Só quero que se lembre de que há consequências em tudo.

Fiz que sim, perguntando-me se o nosso relacionamento começava a sofrer essas consequências.

– Amo você – falei. – E tenho que voltar ao trabalho para ter a oportunidade de estar com a minha família na manhã de Natal.

Os olhos de minha mulher estavam cheios de uma mistura de compreensão e resignação. Ela tocou meu rosto de novo. Depois se virou e deixou o abrigo. Saí na tempestade e gritei para ela:

– Tome cuidado no volante!

Ela gritou por cima do ombro:

– Vou rezar por você, Alex. É só o que posso fazer.

capítulo 13

BREE CONTINUOU ANDANDO E SUMIU na tempestade atrás da barreira da polícia. Fiquei ali, olhando para ela, a mente rodando e pensando em minha família.

O que eu estava *fazendo*? Ramiro, Adam e McGoey eram todos de primeira linha em seu serviço. Achei que, em parte, o subchefe me chamara só

para acalmar o deputado. Mas eu precisava mesmo estar ali? Não poderia deixar a situação em mãos competentes e voltar para casa com Bree?

– Alex! – chamou McGoey.

Virei-me, franzi os olhos no vento e na neve e o vi em pé na abertura da tenda.

– É Fowler – disse ele. – Atendeu o telefone. Quer falar com você.

– Comigo? – perguntei, andando em sua direção e tentando registrar o que ele quisera dizer.

– Ele não chamou você especificamente – disse McGoey. – Só quer alguém que não seja Ramiro.

Atravessei o abrigo, tirando a neve do gorro e do casaco, e entrei na van, tentando me esquecer por um momento da conversa que tivera com Bree. De certa forma, tinha mesmo que me separar por completo da tristeza e da ansiedade que ela me provocara. Caso contrário, não estaria em condições de negociar com um maluco.

Ramiro me entregou o telefone.

– Henry Fowler? – perguntei.

Ele tossiu.

– Quem fala?

– Eu me chamo Alex Cross – respondi.

Houve uma longa pausa antes que ele dissesse:

– Já ouvi falar de você.

– E eu do senhor – retruquei. – O senhor é um homem impressionante, Sr. Fowler.

Ao ouvir isso, ele deu um riso sarcástico.

– Sou um fodido, Cross. Vamos ser claros, porque não sou mais, de jeito nenhum, o homem que fui.

– Como quiser – concordei e fiz uma pausa. – Então o que nós estamos fazendo aqui?

– Nós? – perguntou Fowler. – Aqui não há nós. São só você, Cross, e todos os seus amigos bem-armados aí fora, os membros do júri, querendo estragar a minha diversão.

Diversão. Fechei os olhos. Não era o que eu queria ouvir. Isso significava que ele planejava brincar conosco e com os reféns. Teria prazer nisso e tentaria prolongar a experiência. Parecia que aquela seria uma longa noite de Natal.

– Então é isso? Um jogo? – perguntei. – Ou um julgamento?

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br